

Karl Marx *

DANIEL VILLEY

Por ocasião de um recente concurso de admissão à Escola Nacional de Administração, há pouco instituída em França⁽¹⁾, foi proposto aos candidatos um assunto de “cultura geral”, cujo enunciado comportava palavras absurdas que significavam em substância : “Comparai a primeira metade do século vinte ao século dezenove”. O Sr. ÉTIENNE GILSON, num artigo publicado no “*Monde*”, disse tudo o que semelhante tema lhe parecia apresentar de inconsistente e que, em sua opinião, a melhor nota seria merecida pelo candidato que se recusasse a tratá-lo. No lugar dos concorrentes eu não me teria arriscado. Tentaria, a despeito de tudo, escrever alguma coisa. E, inicialmente, eu, sem dúvida, afirmaria que, da mesma forma que o século XIX, no continente

(*) O presente artigo reproduz, com uma ligeira adaptação, o texto de uma conferência pronunciada pelo Sr. DANIEL VILLEY, Professor da *Faculdade de Direito de Poitiers* (França) e da *Faculdade Nacional de Ciências Econômicas da Universidade do Brasil*, no salão da *Associação Brasileira de Imprensa*, Rio de Janeiro, em 11 de setembro de 1947, sob a presidência do Professor THEMISTOCLES BRANDÃO CAVALCANTI, ex-Procurador Geral da República e Diretor da *Faculdade Nacional de Ciências Econômicas*.

(1) Deveria eu indicar aqui que esta instituição não me parece feliz? Ela subtrai à Universidade um setor importante do ensino superior : e onde não está a Universidade, não se acham tão pouco as tradições de desinteresse científico e as qualidades de espírito, das quais uma longa tradição lhe assegura o quasi-monopólio. Ela modifica, terrivelmente, o papel da prestigiosa *Escola Livre de Ciências Políticas*. Ela suprime — sem os substituir por nada comparável — os grandes concursos do Tribunal de Contas, do Conselho de Estado, da Inspeção das Finanças e, portanto, ela ameaça as tradições desses três grandes órgãos, que tanto contribuíram para o engrandecimento da administração francesa. Enfim, ela separa a formação da elite dos administradores da formação da elite dos negócios: sem dúvida, com prejuízos para uma e outra.

européu, começou em 1815, depois de Waterloo, não é em 1.º de janeiro de 1901, e sim na primeira guerra mundial que deve ser marcado o ponto de partida do século XX. 1914, ou melhor, 1917 : o ano em que a guerra européa tornou-se mundial, o ano da beligerância dos Estados-Unidos e da Revolução Russa. E entre as características do nosso século, assim delimitado, eu teria tentado esclarecer um desenvolvimento que me parece manifesto — e que nada fazia prevêr em 1913 — da religião e do princípio católico. Entendo, aqui, estas palavras num sentido muito largo — que também poderá ser considerado muito estreito — mas que é sugerido pela etimologia e que, agora, devo tentar esclarecer. Imaginemos o que poderiam pensar, na aurora do século passado, os espíritos curiosos de compreender o seu tempo. A maior parte dos homens cultos acreditava, então, que a filosofia francesa do século XVIII e a Revolução haviam trazido para a religião cristã um golpe decisivo, ao qual ela não poderia sobreviver por muito tempo. Não acudia ao espírito de quase pessoa alguma que o vento pudesse recomençar a soprar no véu do catolicismo tradicional e ortodoxo. Muitos se alegravam, sem reserva, em nome da Razão. Outros, mais lúcidos sem dúvida, de alguma forma acompanhavam a religião perdida. A Religião é aquilo que liga, que envolve. Na Idade-Média, no século de BOSSUET, o catolicismo dava, ao mesmo tempo, uma única resposta a tôdas as perguntas. Èle fundia, de uma só vez, o pensamento, a vida privada, a cidade. O que, então, iria, d'ora avante, servir de eixo dos conhecimentos e de cimento das comunidades, fornecer, em conjunto, uma explicação do mundo, uma linha de conduta, um princípio de entusiasmo e um fermento de coesão social? Por tôda a primeira metade do século XIX, ensaiar-se-ia o lançamento de novas religiões. A narrativa dessas tentativas, hoje, nos parece por vêzes ridícula. Elas traduziam, porém, uma angústia lúcida e profunda. Apenas, falharam — uma após as outras. Os saint-simonianos, como ROBES-

PIERRE ; AUGUSTO COMTE, como os saint-simonianos. Por um momento, em volta de CHARLES RENOUVIER, acreditaram certos filósofos que um protestantismo muito liberal era susceptível de seduzir os meios intelectuais e de manter a inspiração cristã e o “sentimento religioso” entre os espíritos libertos de todo dogma e plenamente conquistados aos valores modernos. O modernismo, em certo sentido, tentou um empreendimento análogo ao quadro da Igreja Romana. Isto, igualmente, não foi bem sucedido. No plano dos grandes números nada veio encher o enorme vazio causado pelo declínio do catolicismo e pela laicização do espírito público e das estruturas sociais. Para o fim do século, acabou-se por se resignar a um tal estado de coisas. O grande vazio já não era mais, então, vivamente sentido. Nem no campo dos incrédulos, nem mesmo, afinal, entre os crentes, acreditava-se provável que a religião pudesse voltar a ser uma fôrça unificadora dominante no plano sociológico e no plano intelectual.

Ora, eis que contra tòda expectativa, contra tòda previsão razoável, produz-se no século XX um extraordinário re-
crudescimento do fenômeno religioso, tal como nós o encaramos. De uma extremidade à outra do Velho Mundo, pelo menos (até o presente o Novo Mundo permanece aparte do movimento), vemos renascer a religião e as igrejas. E as religiões renascem sob a sua forma católica : aquela que, plenamente, corresponde melhor à função que retivemos como característica. Falaremos, aqui, de igrejas católicas no plural, num sentido muito amplo, mas não menos preciso. Sob o ponto de vista sociológico, que é o nosso, exclusivamente, no momento, as igrejas católicas são aquelas que se atribuem uma vocação universal, que pretendem reter, se não os processos da vida eterna, ao menos os do futuro ; que têm a preocupação de uma continuidade na sua doutrina e na sua ação ; que possuem uma ortodoxia, uma disciplina, uma hierarquia.

O renascimento do princípio católico é manifesto, não menos que espantoso, do lado cristão. O mundo não terminou com as surpresas que lhe reservam o renascimento católico romano na Europa ocidental. Entretanto, as missões católicas progredem no mundo inteiro. O protestantismo mesmo tomou, exatamente, o caminho inverso ao que lhe traçou RENOUVIER há cem anos : êle volta a ser ortodoxo, dogmático, repleto de transcendência e de sobrenatural. Não tomo por exemplo, provisoriamente, mais do que o poderoso movimento ligado ao Pastor KARL BARTH, e que não somente inspirou o protestantismo suíço e o das Igrejas "Confessantes" da Alemanha, mas, também, acaba de conquistar o protestantismo francês, a velha revista "*Foi et Vie*", a Faculdade de Teologia Protestante de Paris...

Aos progressos da Igreja Romana pode ser comparada a atual expansão do Islam. Êle conquistou as Índias Neerlandesas e uma boa porção das Índias Britânicas. Êle progride a passos de gigante na África negra francesa, onde supera em rapidez, as missões cristãs. Mesmo sobre as velhas terras muçulmanas, êle retoma, bruscamente, uma consciência aguda de seus caracteres específicos, de sua missão, de sua unidade. A formação da Liga Árabe, o despertar do nacionalismo nas possessões francesas da África do Norte, a independência total da Síria, o caráter apaixonado dos debates sobre a Palestina nas Nações Unidas, o nascimento do Estado de Pakistão não fazem mais que traduzir, no plano político, um despertar religioso, que constitui um dos acontecimentos do século.

Abusou-se, por vêzes, das analogias religiosas a propósito do nacional-socialismo, tanto quanto do comunismo. Pode-se qualificar de "religião" uma doutrina cujo artigo primeiro é a negação não somente de Deus, mas ainda de toda transcendência? Portanto, no sentido puramente sociológico — e por isso exclusivo do essencial — de onde decidimos tomar as palavras, o comunismo aparece como uma dessas

igrejas católicas cujo progresso envolvente caracteriza nossa época. Para os seus adeptos, o comunismo fornece conjuntamente uma regra de pensamento, uma linha de conduta, um entusiasmo, um princípio de disciplina social. Êle reúne, êle liga, num só princípio, em um só feixe, todos os aspectos e todos os compartimentos da vida humana. O comunismo representa uma restauração do dogmatismo. Quando um indivíduo cessa de ser comunista, êle não é um homem que, sinceramente, mudou de opinião, êle é um renegado. Para os seus adeptos, o comunismo constitui, ao mesmo tempo, uma razão de viver e uma razão de morrer. Êle os anima de uma certeza invencível, êle os inflama de uma paixão que empolga todo o ser, êle os arma de uma coragem sem desfalecimento. Nós todos que, sem sermos comunistas, trabalhamos na Resistência francesa, lado a lado, com camaradas comunistas, experimentamos a fôrça incrível dessa nova fé, a abnegação total e o heroísmo sem limites que ela sabe inspirar. O comunismo é recente; porém, já conta no mundo mais adeptos do que a Igreja Católica Cristã. Apenas os países anglo-saxões escapam, parcialmente, à sua alçada. Mas, não existe um canto no mundo onde a fé comunista não tenha vivido. Há mais de tresentos milhões dos nossos semelhantes para quem o comunismo é uma nova razão de odiar seu pai e sua mãe, e dos quais se pode dizer, parafraseando a palavra de SÃO PAULO, que viver, para êles, é o comunismo. Como os cristãos na época de TERTULIANO, os comunistas estão por tôda parte entre nós, sem que os vejamos, sem que o saibamos. E o comunismo se irradia cada vez mais fóra, mesmo, do círculo crescente dos seus fiéis. Sua expansão constitui um acontecimento prodigioso, que nada permitia prevêr-se há quarenta anos, e que, sem dúvida, a história reterá como a característica essencial do segundo quartel do século XX. Tôdas as maneiras legítimas — e fecundas — de mostrar a analogia do comunismo e da

religião implicam para sua interpretação em certas consequências.

Primeiramente, uma religião não se pode compreender senão de dentro. Desde que se trata de religião, há sempre gente que tem ouvidos mas que não ouve. Uma religião é um mundo no qual é preciso penetrar-se, se se quiser entendê-lo. Há pessoas cultas, que passaram sua vida lendo a Bíblia, e que nem sequer supõem aquilo que para o crente mais ignorante se evidencia no mais pequeno versículo. Pode-se, da mesma forma, ler dezenas de vezes os milhares de páginas que compõem a obra de MARX ; isto de nada serve se não se empreendeu êsse esforço de ascéta do espírito — e de todo o ser — que consiste em se colocar — ao menos em imaginação — no interior do sistema. Para quem não é marxista êste exercício é difícil. Implica numa espécie de desdobraimento do espírito que não se consegue de repente. Supõe, da parte da inteligência, uma espécie de caridade heróica. Nós nos lançaremos aqui a êsse exercício, resolutamente e sem presunção.

Em segundo lugar, uma religião não se refuta. Ou melhor, nada mais fácil a refutar do que as religiões, porém, a refutação mais pertinente as deixa inteiramente de pé. Pode-se recusar as religiões, pode-se-lhes opôr outra coisa, não se pode refutá-las. Porque elas são verdadeiras. Verdadeiras em sua coerência interna ; verdadeiras em tôda a experiência acumulada que a sua barca transporta através do oceano dos séculos ; verdadeiras nas intuições que ocultam além de qualquer argumento. As objeções podem, apenas, ferir o texto de seus dogmas isolados. De modo geral, tôdas as religiões são verdadeiras. Elas o são relativamente à irreligião, se esta é uma recusa de ligação : a demissão da inteligência. Não quero, com isso, pô-las tôdas no mesmo pé de igualdade. Elas ligam mais ou menos coisas, por élos mais ou menos complexos e mais ou menos justos. Há uma realidade religiosa, da qual tôdas, mais ou menos, se apro-

ximam. Há um Deus Vivo, do qual elas detêm ou não o selo autêntico. Não é a verdade religiosa que pretendo, aqui, relacionar; mas, apenas, o alcance de certas controvérsias superficiais sôbre o marxismo.

O amplo e repentino sucesso do comunismo dá um novo relêvo à figura de seu mestre, KARL MARX. Nêste ano de 1947, quando o destino do mundo parece depender do enigma russo, nêste ano que marca o centenário do *Manifesto Comunista*⁽²⁾, o octagésimo aniversário da publicação do primeiro tomo do *Capital* (1867) e o trigésimo aniversário da Revolução Bolchevista, é compreensível que sejamos tentados a evocar de novo a sua figura e nos colocar novamente em sua presença.

KARL MARX nasceu em 1818 e morreu em 1883. Quer dizer que êle viu primeiramente as idéias da Revolução Francesa conquistarem a Europa, depois que a Europa vencera a França. Por outro lado, êle assistiu o desenrolar do que se chamou a revolução industrial, o grande avanço da vida urbana e do proletariado. Sua vida se situa na confluência de tôdas as tradições, em tôdas as fronteiras. Nasceu em Trêves (portanto, numa cidade católica), de uma família judaica, recentemente convertida ao protestantismo. Seu pensamento será profético como o de Israel⁽³⁾, dogmático como o de Roma, revoltado como o de LUTERO. De sua Renânia natal — terra germânica onde sopra o vento da França — êle emigrará para a Inglaterra, onde todos os economistas vão contemplar, então, as cenas da vida futura⁽⁴⁾. Sua filosofia

(2) O Manifesto do Partido Comunista, de KARL MARX e FRIEDRICH ENGELS, só foi publicado em fevereiro de 1848. Mas foi redigido por ocasião do Congresso de Londres da Liga dos Comunistas, que se realizou em dezembro de 1847.

(3) Cf. EUGENIO GUDIN. *Capitalismo e sua evolução*, conferência realizada na Liga de Defesa Nacional, em 14 de maio de 1936, no Rio de Janeiro.

(4) Alusão ao livro escrito por GEORGES DUHAMEL em 1930 sôbre os Estados Unidos da América e intitulado "*Cenas da vida futura*".

será alemã, as idéias políticas de sua mocidade terão uma inspiração francesa, seu sistema econômico prolongará os dos clássicos ingleses.

Os dicionários definem MARX como um economista. E MARX pode parecer, então, vingador dos economistas, de uma desgraça que lhes é própria. Por que o assunto de seus estudos se acha mergulhado na atualidade, eles têm o privilégio de conhecer sempre a glória... Mas, a medalha tem o seu reverso, e essa glória precoce é muitas vezes efêmera. O prestígio do economista não é muito duradouro. Falar-se-á, ainda, de KEYNES dentro de vinte anos? Entretanto, MARX ainda move o mundo, e cada vez mais, sessenta anos depois de sua morte. Que os economistas não se apressem a se envaidecerem! Não é certo que essa honra lhes caiba. MARX não foi, somente, nem mesmo principalmente, um economista. Seu pensamento econômico se prende a uma filosofia e não foi concebido senão para ilustrá-la. MARX o edificou no ambiente febril de uma luta ativa, da qual ele reflete as múltiplas peripécias, que procura, essencialmente, sustentar e justificar. Isto nos ditará nosso plano. Falaremos, primeiro, de MARX filósofo; depois, de MARX economista e, finalmente, de MARX homem de ação.

O Filósofo

Desde a aurora de sua vida de estudante, é para a filosofia que MARX se sente violentamente chamado. Seu pai o inscreve primeiramente na Faculdade de Direito; mas, logo após, ele se empolga pelas reflexões, que redige, sobre a metafísica do Direito. Em pouco tempo arruma a sua bagagem e muda-se para o departamento de filosofia. Seus professores e condiscípulos são hegelianos. Mais tarde, KARL MARX renegará HEGEL e condenará sua metafísica idealista, bem como “transtornará” sua dialética. Mas, o marxismo é inteiramente concebido segundo os ritmos hegelianos. Para compreender MARX, não se deve lêr primeiro O

Capital. É por HEGEL que se deve começar e pelos escritos de MARX, em que êle se define em relação a HEGEL.

HEGEL é um filósofo difícil, que pode parecer decepcionante. Hoje em dia são numerosos os pensadores, para os quais, a tentativa que êle concebeu de construir um sistema filosófico novo, universal e coerente, foi, afinal, liquidada por um revez. Porém, qualquer que seja o conceito da árvore, é necessário considerar os frutos: o marxismo é um entre outros.

Sabe-se como HEGEL estabelece o reverso da lógica clássica. Ao tradicional princípio de identidade ($A \text{ é } A$), êle opõe o princípio do movimento: tudo se move, tudo se transforma. Em lugar da não-contradição ($A \text{ não é não } A$), êle propõe a lei dialética da tésese e da antítese. No começo, havia a tésese; ela se choca à antítese, negação da tésese; dessa contradição nasce a síntese, que fecha o movimento dialético, e que é a negação da antítese, portanto, a negação da negação; (mas, a síntese é outra coisa, ela é mais do que a afirmação primitiva). Êsse ritmo ternário, que constitui a chave do pensamento hegeliano, gera uma série de novos derivados trípticos. Cada domínio de conhecimento tem o seu. Em metafísica, por exemplo, a tésese é a idéia, isto é, uma realidade intelectual, impessoal, anterior a todo pensamento. A Idéia se choca à Natureza, que é a antítese da metafísica de HEGEL. Dessa antinomia nasce o Espírito, que constitui a síntese. Filosofia dinâmica, visto que seu princípio é o Movimento; dialética, porque valoriza a contradição fundamental do Ser; idealista, uma vez que coloca a Idéia no princípio do movimento dialético; humanista, porque não supõe outro ser pensante senão o Homem. A filosofia de HEGEL exprime a alma alemã no que ela tem de trágico, de doloroso, de insatisfeito, de incomensurável. Pela sua novidade, pela força que dela se emana, por tudo o que ela move no íntimo dos problemas do ser e do conhecimento,

ela tinha boas possibilidades de inebriar os jovens estudantes, aos quais foi oferecida nos bancos das universidades rênanas.

O pensamento de HEGEL está equilibrado entre a Idéia e a Natureza. Equilíbrio instável. HEGEL oscila entre uma e outra, mas cedo seus discípulos se separarão em duas escolas rivais. A *direita hegeliana*, prolongando a evolução marcada nos últimos anos da vida do mestre, será luterana ortodoxa, conservadora no plano social, apologista da monarquia prussiana. MARX se juntará à outra tendência, a da *esquerda*. É esta anti-clerical e favorável às idéias da Revolução Francesa. Mas, no plano metafísico ela é antes de tudo idealista. Os jovens da esquerda hegeliana se lançam à procura da Idéia pura. Tentativa impossível segundo a própria doutrina, que diz que, desde que a Idéia é Pensamento, ela não é mais pura, ela é Espírito. Mas, BRUNO BAUER e seus amigos queriam atingir a Idéia pura : não sabiam senão mutilar, uns após outros, conceitos cada vez mais vãos e bárbaros. Eles se perdem na abstração que, como a erudição, é um vício alemão. Surgiam intermináveis disputas de escola, levantadas e mantidas por uma paixão tão áspera quanto fictícia. A filosofia se transforma em acrobacia conceitual e logomáquica.

Uma primeira reação surgiu em 1841, quando FEUERBACH publica "*Das Wesen des Christentums*". FEUERBACH "torna a pôr de pé" a dialética hegeliana. Para êle o princípio do movimento dialético não é mais a Idéia, é o Homem. O homem não é uma síntese, produto do choque da idéia pura e duma natureza antitética : o homem é a realidade primeira, homogênea em sua origem, mas que se quebrou em seguida. No começo só havia o homem e tudo estava no homem. Porém, aconteceu que o homem projetou fóra de si, como sôbre uma téla, a melhor parte de si mesmo e lhe emprestou uma existência autônoma. O homem criou Deus à sua imagem ; e depois se prostrou diante de Deus e o adorou. É necessário que o homem retome consciência

de que o Deus das religiões, a Idéia de HEGEL, o Bem e o Belo dos metafísicos não passam de fragmentos destacados de sua própria substância. É preciso que êle os reconduza a si, de onde êles procedem. Então, tendo reconquistado e reassumido o que houvera um dia, indevidamente, alienado, o homem encontrará, novamente, sua plenitude primitiva.

O humanismo absoluto de FEUERBACH, sua imanência integral atingem o espírito do jovem MARX como um relâmpago. MARX sofre um golpe decisivo. Há muito tempo já êle se preocupava em vêr seus amigos da esquerda hegeliana se perderem num labirinto de obscuridades sobrehumanas. MARX estava por demais penetrado do espírito de ação para tolerar essa logomaquia que não tinha qualquer relação com a vida. Bem cedo, entretanto, o entusiasmo que se apossou dêle ao lêr FEUERBACH se transforma em decepção. FEUERBACH teve uma centelha de gênio, mas não soube explorá-la. Descobriu a alienação, mas não a explicou. Queria que fosse refeita a síntese do homem, mas não nos revelou nem como nem por que devia ser feita. É que FEUERBACH permaneceu um espírito abstrato. Colocou o homem no lugar da idéia hegeliana, no ponto de partida do movimento dialético. Mas, o homem de FEUERBACH ainda é uma idéia. É o homem do século XVIII francês, o homem de KANT: um ser racional que não se define senão pela razão. Não o homem, mas a essência imutável do homem. Ora, para que a alienação se torne explicável, e para que o fim da alienação se torne plausível, é necessário — pensa MARX — que como a quêda, a redenção e a encarnação dos cristãos, estas coisas sejam insertas na história e se expliquem pela história.

Então, afim de reagir contra o humanismo abstrato de FEUERBACH, MARX insistirá em tudo aquilo que no homem não é razão. Êle oporá o que se muda ao que permanece, a carne ao intelecto, o coletivo ao individual, e às “superes-

truturas ideológicas” a atividade econômica. Em contraposição ao homem de FEUERBACH, êle compõe um homem real: um ser de carne, que tem fome, que sofre, que inveja, que odeia, que trabalha e age, e não o homem que, apenas, pensa. Um homem social, que faz parte de uma classe; um homem que cresce e envelhece, cuja vida se integra na história e não no abstrato intemporal. Temos dificuldade em calcular hoje o que naquêlo tempo tal manobra possuía de novo, de oportuno, de fecundo. Os contemporâneos de MARX estavam embebidos dos princípios imortais, da utopia racionalista, da crença numa autonomia do reino do pensamento e da sua onipotência. VICTOR COUSIN propaga, nessa ocasião, o seu insípido espiritualismo. Logo após, AUGUSTO COMTE explicará tôda a história em três idades do espírito humano. A reação de MARX é uma reabilitação da carne, em um século em que os próprios cristãos tinham vergonha de confessar sua ressurreição. Ela é uma reabilitação do futuro e das forças que o movem, em um mundo que era tido como passivo e maleável, a crer-se nas imaginações generosas dos reformadores. Contra as abstrações da Revolução Francesa e contra a idéia hegeliana, herdeiras da religião que êle detesta, MARX opera um vigoroso retorno à realidade. Bem maior que a sua oposição da matéria ao espírito, é a sua oposição da vida à abstração morta. É isto o materialismo histórico. E é, sem dúvida, também, a determinação de procurar a explicação das coisas partindo de baixo, porque, quanto mais se desce na escala dos fenômenos, mais se apreende a realidade viva. Sob a religião, encontram-se as idéias morais, os costumes, o direito que ela justifica e sublima. Ainda sob tudo isso, há a trama das relações entre as classes sociais, que o direito e os costumes apenas codificam. As relações sociais não são, propriamente, um reflexo das estruturas econômicas. Elas são comandadas pelas formas materiais de produção. A necessidade de comer e a necessidade de trabalhar para tal, eis a primeira etapa

da condição humana. A escravidão, o feudalismo, o regime corporativo, o capitalismo, tudo isso apenas traduz as sucessivas escalas da técnica da produção. Há uma civilização do moinho movido a braço, uma outra que corresponde à idade do moinho movido pelo burro, uma civilização do moinho a vento, uma civilização do moinho de água, uma civilização do moinho a vapor. Tôdas as superestruturas religiosas, filosóficas, estéticas, morais, jurídicas e sociais não fazem senão refletir a infraestrutura econômica. É bem no fundo da quilha que se encontra o motor que move o navio da humanidade.

Seria, porém, trair o pensamento de MARX tomar-se ao pé da letra certas fórmulas um pouco grosseiras — que, aliás, em geral, são de ENGELS — e que, às vêzes, vêm vulgarisar um pensamento que permanece profundo e brumoso. O marxismo sofreu pelo excesso de simplismo de discípulos por demais zelosos e de adversários que barateiam o seu sentido. O “marxismo vulgar” e o “marxismo escolar” ferem, injustamente, o verdadeiro pensamento de MARX. Seu materialismo histórico nada tem a vêr com essa doutrina metafísica — ou negatória da metafísica — segundo a qual não haveria outra realidade senão a material. É verdade que ENGELS escreveu: “O espírito é apenas o produto superior da matéria”. Porém MARX nada disse de semelhante, e nada nos permite supôr que êle o tenha pensado. O materialismo histórico não é um materialismo ontológico. É um imanêntismo, é um selenismo, é, sobretudo, um humanismo. É, como diz JACQUES MARITAIN⁽⁵⁾, o derradeiro limite dessa grande revolta do homem contra Deus que começou com LUTERO e se estendeu pelo século XVIII francês. Durante três séculos, em todos os domínios, uns após outros, o homem tentou passar sem Deus. Com FEUERBACH, com MARX, êle toma o seu lugar e não vê em Deus senão um fantasma de si próprio. Entre a religião e as formas de pro-

(5) JACQUES MARITAIN: *O humanismo integral*. Paris, Aubier, 1936.

dução há, sem dúvida, diversos degraus, que são infraestrutura de tudo o que os precede e superestrutura de tudo o que os segue. Mas, a divisão essencial é entre o Céu e a Terra. A superestrutura é Deus, a infraestrutura é o homem.

Como o materialismo, no sentido metafísico e corrente da palavra, o materialismo histórico não é um fatalismo, apesar do que se diz, frequentemente. Nossa história, segundo MARX, é, sem dúvida, de certo modo, determinada; mas, suas determinações não se nos apresentam exteriormente. Quando MARX afirma: a infraestrutura rege a superestrutura, isso não implica em que a superestrutura seja somente passiva, e, menos ainda, que a ação voluntária dos homens seja ineficaz e supérflua. Há atrasos, há resistências da superestrutura. A prova de que ela significa para MARX mais do que um epifenômeno é que é necessária uma revolução para adaptá-la às mudanças da infraestrutura, e, por exemplo, para enquadrar a forma da propriedade — ainda individual — à forma da produção, que já é coletiva. A convicção pelo proletariado da exploração que êle sofre, da sua força e da sua missão, é a condição essencial da Revolução. São os homens que fazem a sua própria história. Mas, não o fazem segundo os seus caprichos. Não se ordena à história senão sob a condição de primeiramente lhe obedecer.

De qualquer maneira, tendo chegado a êste ponto da sua manobra filosófica, MARX se vê forçado, para justificá-la e desenvolvê-la, a fazer economia política. Se a chave da alienação se encontra na história, e se a história é dirigida pela evolução econômica, é na realidade econômica que é preciso procurar a explicação do fato da alienação e o prenúncio de seu fim próximo. MARX abordará, então, a economia política. Êle sabe, de antemão, o que quer achar.

O Economista

Aos vinte e sete anos, em 1844, MARX ignora, ainda, completamente a economia política. Encontra-se, então, em

Paris. Sistemáticamente, freneticamente, êle lerá e confrontará todos os grandes economistas. Para guiar seus primeiros passos e para orientar suas leituras, êle recorre, de início, a um amigo que acabou de encontrar : FRIEDRICH ENGELS. ENGELS estava destinado a tornar-se o colaborador inseparável de MARX, a tal ponto que muitos intérpretes renunciariam a fazer uma divisão daquilo que, dentro do marxismo, se deriva de um e do outro e citariam um só personagem composto : "MARX-ENGELS". Eis aí uma perigosa fonte de enganos. ENGELS positivamente é o único de seus amigos a quem MARX nunca tratou de "burro" e com quem jamais teve desavenças. Por sua parte, ENGELS foi incessantemente a providência financeira da família MARX. Mas, os dois personagens são muito diferentes. MARX é laborioso e difícil ; ENGELS é brilhante e superficial. MARX é complexo ; ENGELS é claro. MARX leva uma vida de família austera e irrepreensível ; ENGELS é celibatário e inconstante. ENGELS é alemão como MARX, porém, a sua cultura traz, principalmente, a marca do extremo ocidente europeu. Viveu na Inglaterra, onde estudou — nos *blue books* — a condição das classes trabalhadoras. Evoluiu, como se fôra no seu próprio meio, na sociedade culta e avançada de Paris. Fundamentou-se nos socialistas franceses, como em ROBERT OWEN. Sem ENGELS, MARX — que se via esmagado por constantes escrúpulos científicos — talvez nunca tivesse terminado os seus livros, nem consentido em sua publicação. Mas, também, sem ENGELS, o marxismo, talvez, nunca tivesse conhecido as deformações elementares que lhe fizeram injusto mal — segundo muitos pensadores qualificados — ao mesmo tempo em que elas lhe traziam a aprovação da massa dos pedantes e dos espíritos medíocres. *Alter ego* de MARX, seria ENGELS, também, o seu máu gênio ? Seja como fôr, foi ENGELS quem iniciou MARX em economia política.

Porém, mais do que os socialistas francêses — bem conhecidos de ENGELS, mas cujo pensamento generoso escapa

aos seus olhos rigorosos — são os clássicos ingleses que reterão a atenção de MARX. E, acima de todos, RICARDO. Encontra-se, aí, da parte de MARX, uma certa originalidade. Todos os discípulos continentais da escola inglesa se filiavam, então, de preferência a ADAM SMITH. Mas, exatamente aquilo que lhes repugna em RICARDO parece feito para atrair MARX : essa ciência austera e impassível que não é alterada pelos sentimentos, a amplitude e a coerência dessa construção sistemática. RICARDO que, aliás, era, então, o mais moderno, era, também, o mais enfadonho e, portanto, o mais sério dos grandes economistas. MARX se entrega à autoridade competente. Êle confia no mestre da arte. RICARDO representará no seu pensamento econômico, um papel muito parecido ao que HEGEL representou em sua filosofia. MARX adotará os seus quadros e os seus ritmos. Êle transformará a sua doutrina.

MARX encontra em RICARDO uma teoria da produção inteiramente fundamentada nos mecanismos da repartição. Há, aí, uma perspectiva puramente ricardiana que MARX irá reter. O sistema de RICARDO repousa sobre a divisão dos agentes econômicos em três classes, diferentes das que haviam imaginado os fisiocratas. RICARDO distingue os proprietários, os capitalistas e os assalariados. MARX adotará essa trilogia. Mas, para RICARDO, a linha de demarcação principal passava entre as cidades e o campo. Havia, de um lado, os proprietários, interessados no progresso da renda ; de outro lado, os produtores industriais, capitalistas e trabalhadores, interessados no preço baixo do trigo. Depois de RICARDO, as *corn laws* foram abolidas, a indústria se desenvolveu, a tensão entre as cidades e o campo se afrouxou. Um novo antagonismo tomou o lugar do primeiro : o dos capitalistas e dos assalariados. É êste que vai servir como eixo do sistema marxista. E as “classes” de MARX não são mais como as de RICARDO, categorias inertes da teoria econômica. São forças sociais vivas. Como substituiu o ho-

mem abstrato de FEUERBACH por um homem real, sofredor e ativo, assim MARX reincarna, MARX anima os “fétiches” de RICARDO.

MARX encontra em RICARDO o princípio do valor-trabalho. A medida do valor de troca de uma mercadoria, num mercado de livre concorrência, é a quantidade de trabalho que ela custou para ser produzida. Esta teoria, MARX não discute: êle a adota. E mesmo vai encarecê-la. Para êle o trabalho não é só a medida comum, mas, ainda, a única fonte do valor. MARX constrói o valor-trabalho como valor integral. E como todos os que integralizam alguma coisa, êle falsifica e compromete a doutrina à qual quer se manter fiel com um zelo por demais excessivo. O sistema de MARX, como o dos fisiocratas, atribui a um só fator todo o valor criado. Da mesma forma que os amigos de QUESNAY professavam que, apenas, a terra é criadora e produz, MARX afirmará que, apenas, o trabalho cria o valor. A máquina não cria valor. Ela, apenas, transmite o que ela tem, e que mede a quantidade de trabalho que ela mesma custou para ser produzida. MARX afirmará a improdutividade do capital permanente, isto é, que o capital permanente não cria valor. Isto não implica, evidentemente, em que êle não crie utilidade. A teoria de BASTIAT, da utilidade gratuita, pode, certamente, superpôr-se à análise de MARX. Mas, para êle, todo valor criado vem do trabalho (ou ainda — o que significa a mesma coisa — do capital variável, aquêle que serve para pagamento dos salários).

MARX encontra em RICARDO uma teoria dos salários, segundo a qual a medida do salário natural é o mínimo necessário à subsistência do operário⁽⁶⁾. Para RICARDO, essa teo-

(6) A lei ricardo-marxista dos salários parece-nos, hoje, teòricamente, errônea e desmentida pelos fatos. Todavia, na época de RICARDO, é provável que ela fornecesse a explicação correta da realidade. Naquele tempo, de fato: a) as práticas néo-malthusianas eram muito pouco expandidas nas classes populares, de tal forma que a pressão do instinto sexual se exercia, diretamente,

ria se baseia na teoria do preço natural igual ao custo de produção de ADAM SMITH e na lei de população de MALTHUS. MARX conservará a lei, mas mudará um pouco os seus fundamentos. A lei do salário igual ao mínimo necessário à subsistência não será para êle uma lei “natural” — e, portanto, irreduzível, fundamental — mas, sòmente uma consequência inevitável do regime capitalista, que deveria durar tanto quanto êste, mas que com êle desapareceria. Êle discorre, lógicamente, sòbre a teoria do valor no regime capitalista. Se o valor de qualquer mercadoria tem por medida a quantidade de trabalho que ela custou para ser produzida, o valor da mercadoria-trabalho — expresso em trabalho — é igual à quantidade de trabalho necessário para produzir a fôrça do trabalho, isto é, para manter a vida física do trabalhador. MARX, em sua polêmica com LASALLE, dissocia a lei ricardiana do salário do princípio malthusiano de população. Para êle, em vez da pressão demográfica, é o progresso técnico, a acumulação constante do capital, o *chômage* tecnológico, a existência permanente de um “exér-

sòbre a natalidade; b) a mortalidade infantil e a dos primeiros anos era considerável nessas mesmas camadas sociais; ela variava segundo a sua miséria; c) as crianças trabalhavam em fábricas desde a idade de cinco ou seis anos. Em tais condições, qualquer elevação de salário acima do mínimo necessário à subsistência operária tinha tòda possibilidade de se traduzir, ràpidamente, em um aumento de oferta de trabalho, e, portanto, de ser efêmera. Sendo assim, enquanto a miséria operária fôr grande e o salário próximo ao mínimo necessário à subsistência operária, é verdade que uma lei natural tende a mantê-lo nesse nível e que mecanismos automáticos o reconduzirão a esse nível quando dele se afastar, mesmo pouco. Para libertarmo-nos da lei ricardiana dos salários é preciso sair de tal círculo de atração. A Europa deu este salto depois de RICARDO, e a teoria ricardiana não mais se adapta à formação dos salários no ocidente moderno. Ela ainda pôde ser comprovada em países miseráveis e superpopulosos, como a China, a Índia, e mesmo talvez em alguns setôres da economia brasileira. A lei do salário natural é a de tòdas as sociedades na primeira fase da sua industrialização. Sob o pretexto de que ela não pôde mais ser comprovada em nossos dias no ocidente, não pensemos que ela seja falsa. Apenas as hipóteses que lhe servem de base não são mais realidade no ocidente moderno. Os mecanismos que ela comporta não têm mais ocasião de se pôr em movimento. A teoria dos quanta não nos ensina que, também, na física as leis são verificadas apenas por uma certa ordem de grandeza dos fenômenos?

cito industrial de reserva”, a pressão constante da oferta de serviços dos sem-trabalho que causam a limitação dos salários ao mínimo necessário à subsistência dos operários. (7)

Do valor-trabalho e da lei ricardiana dos salários, MARX tira, logicamente, a teoria de mais-valia, que constitui o eixo do seu sistema econômico. Conhece-se o esquema, muito simples. Uma mesa fabricada em um dia por um operário vale em trabalho um dia. Mas, o salário de um dia de trabalho não vale em trabalho um dia. Êle é medido pela quantidade de trabalho necessário à subsistência de um operário durante um dia. Admitamos que seja a metade de um dia. A diferença é a mais-valia, que o capitalista subtrai do valor criado pelo operário. A mais-valia não é uma anomalia, uma extorsão: ela resulta, logicamente, do jogo do regime. Ela provem do fato do capitalista vender os produtos e remunerar o trabalho exatamente de acôrdo com os seus valores respectivos. Êste procedimento é tudo o que há de mais regular, em regime capitalista.

RICARDO não enunciára a lei de mais-valia. Mas, ela estava, logicamente, incluída na sua análise da repartição. MARX não fez, em suma, senão tornar explícita uma consequência inatacável do seu sistema. Se RICARDO mesmo não a tinha trazido à luz, certamente é porque tinha os olhos fixos na dedução prévia do proprietário e desprezava a oposição dos capitalistas e operários. Depois de RICARDO, a principal linha de demarcação mudou-se para o tablado das classes sociais. Mas, sob o ponto de vista teórico, a estática de MARX é fielmente ricardiana.

(7) Da mesma forma que a teoria de RICARDO, a de MARX correspondia à realidade contemporânea. Durante as primeiras fases de industrialização, quando a indústria ainda não está muito diferenciada e quando o progresso técnico é rápido, o *chômage* tecnológico é um fenômeno frequente. E, enquanto o mercado de trabalho fôr plenamente livre e a mão de obra plenamente móvel, o menor *chômage* exercerá uma pressão imediata e decisiva sobre os níveis de salário.

Sua dinâmica o será muito menos. RICARDO havia tomado de empréstimo a MALTHUS a idéia de uma evolução linear do sistema econômico. A hipótese fundamental da dinâmica ricardiana era o crescimento contínuo da população. Haveria, sem cessar, mais bocas a alimentar. Novas terras seriam cultivadas, e cada vez menos férteis. A renda agrária se elevaria, os lucros baixariam sem cessar. Até que os lucros não fossem mais suficientes para estimular o progresso econômico e que adviesse êsse estado estacionário do qual RICARDO já evocava a perspectiva — e que deu ocasião a STUART MILL de escrever uma das suas inesquecíveis páginas.

Para MARX, a natalidade passa ao segundo plano. Êle substituiu o princípio de população pelo do progresso técnico — em tôdas as suas funções teóricas. Na base da sua dinâmica econômica não encontramos o aumento da população, mas, sim, o da taxa e do total global da mais-valia em capital, a acumulação progressiva do capital permanente, a concentração das empresas. Em suma — e isto está de acôrdo com o espírito do materialismo histórico — a dinâmica marxista descreve o desenvolvimento das conseqüências da revolução industrial sôbre a estrutura dos países capitalistas.

A taxa da mais-valia cresce incessantemente, por dois processos diferentes, mas cujos resultados se conjugam. Em primeiro lugar, a classe dominante, a burguezia, beneficiária da mais-valia, está em condições de impôr o prolongamento progressivo da duração do trabalho; diminuição do número de dias feriados, aumento do número de horas de trabalho quotidiano. É, evidentemente, o que se passa no início da revolução industrial, sob os olhos de MARX. Assim, o valor criado, anualmente, por cada operário aumenta, ininterruptamente, em benefício do capitalista. MARX chamava a isso “criação da mais-valia absoluta”. Por outro lado, o progresso técnico abaixa, progressivamente, a quantidade de trabalho necessária à manutenção da subsistência dos tra-

balhadores⁽⁸⁾. Os salários, constantes por natureza, baixavam, portanto, continuamente de valor. Daí, segundo o vocabulário de MARX, “criação de mais-valia relativa”.

Um fluxo cada vez mais abundante de mais-valia alimenta a burguezia. Esta transforma a mais-valia em capital. As deduções, absolutamente e proporcionalmente crescentes, feitas sôbre a produção passada, servem à acumulação para o futuro de novos meios de produção. Por outro lado, ao mesmo tempo em que o capital se acumula, as empresas se concentram. Seu número diminúi, sua dimensão mediana cresce. MARX observa êsse processo na Inglaterra e em todos os países que se industrializam. Isto constituiu a tendência primordial da evolução do regime capitalista.

Partindo dêsses dois processos — grandemente solidários um ao outro — a acumulação progressiva do capital e a concentração crescente das empresas — sabe-se como MARX encara a evolução do sistema capitalista.

Em primeiro lugar, ao mesmo tempo em que o capital se acumula, progressivamente, sua composição se modifica, gradualmente. A proporção do capital permanente (representado pelas máquinas e pelos estóques de matérias primas e de produtos fabricados) cresce sem cessar em relação ao capital variável (o que serve para pagamento dos salários). Ora, o capital constante não produz valor. Disso resulta que, se bem que a taxa de mais-valia (relação entre o valor total da mais valia e o capital variável) aumente sem cessar, a taxa dos lucros (relação entre o valor total da mais-valia e o volume total do capital, permanente e variável) não pára de baixar. MARX propõe como RICARDO — porém ao

(8) MARX adota aqui o reverso da teoria de RICARDO, para quem o preço das subsistências vai sempre crescendo, em resultado do aumento da população e da cultivação de terras cada vez menos férteis. A diferença de época e de circunstâncias (preço) explica este retorno. Veremos, daqui há pouco, como MARX se encaminha para concluir da mesma forma que RICARDO pela baixa indefinida da taxa do lucro.

fim de um raciocínio inteiramente diferente — uma lei propensa à baixa dos lucros. Assim, o capitalismo se exgotaria, pouco a pouco, por causa do progresso econômico, enquanto que as crises periódicas, geradas pelo progresso técnico, o sacudiriam até abalá-lo em seus fundamentos.

Por outro lado, a concentração significa o aumento constante do número de operários. Pouco a pouco ela elimina a classe média, ou seja, a dos pequenos produtores. O proletariado não se torna somente cada vez mais numeroso, mas, também, cada vez mais miserável (devido à pressão constante do exército industrial de reserva sobre o nível dos salários) e cada vez mais coerente (devido aos progressos da “consciência de classe” e do movimento operário), e cada vez mais consciente da exploração a que está sujeito, da força que representa, da missão que lhe cabe. O proletariado é uma força que sobe. Entretanto, o número dos capitalistas não cessa de diminuir. A taxa de seus lucros baixa. As crises periódicas lhes arrebatam toda segurança. Expostos aos ataques constantes do movimento operário, eles vão duvidando de seu próprio valor e de seus próprios direitos. Eles adquirem, progressivamente, má consciência. À medida que aumenta a dimensão de suas empresas e que ela excede o raio prático da ação de um homem, o vínculo que une o proprietário à sua propriedade torna-se cada vez menos pessoal e real, cada vez mais puramente jurídico e abstrato. Ele já não é mais do que um fio, cada vez mais tênue.

Eis aí uma sociedade cuja estrutura se torna cada vez mais puramente dicotômica. Duas forças presentes, cujo antagonismo não cessa de exasperar-se. Dessas duas forças, uma cresce sem parar em número, em coesão, em consciência de seus fins e de seus meios. A outra é cada vez menos numerosa, menos persuadida de sua própria causa, menos senhora de suas armas. O desenrolar da luta de classes não é mais duvidoso. Quaisquer que sejam suas peripé-

cias intermediárias, um dia ou outro o proletariado esmagará a burguesia. A revolução fará a sociedade sem classes suceder ao regime capitalista.

Tais são as perspectivas de MARX sôbre o futuro do capitalismo. De um lado, enfraquecimento gradual e indefinido do regime, causado pela importância relativamente decrescente do capital permanente, não produtivo de valor e pelas crises periódicas; do outro lado, a ascensão do proletariado e a marcha fatal para a revolução catastrófica. Ai estão as duas linhas de evolução que MARX sugere, parcialmente distintas, mas convergentes. A dizer a verdade, quando fechamos os livros de MARX, não sabemos bem se o capitalismo morrerá nas barricadas ou em seu leito, ou ao menos a que grau de exgotamento interno êle terá chegado antes de que contra êle se elevem as barricadas que devam exterminá-lo.

Pouco nos importa aqui a minúcia técnica das análises de MARX. Preferiríamos mostrar que o seu sistema econômico responde exatamente às perguntas com que — um dia êle se apercebera — a sua filosofia o acossava.

A mais-valia é, no plano econômico, uma alienação comparável à que havia sido denunciada por FEUERBACH. No produto, o proletário aliena sua própria substância — portanto, o capitalista se apropria de uma parte cada vez maior, à medida que aumenta a taxa de mais-valia. A análise do regime econômico revela, pois, em sua infraestrutura uma alienação, da qual a alienação religiosa de FEUERBACH não pode ser senão o reflexo. Como o proletário cria a mais-valia com sua fôrça de trabalho, assim o homem tirou Deus de sua própria substância. A alienação econômica se explica por um fato econômico contingente: o aparecimento do capitalismo⁽⁹⁾.

(9) Entretanto, a alienação religiosa é bem anterior ao capitalismo. Isto é para o marxismo uma fonte de dificuldades de onde se derivam muitas imprecisões esparsas na obra de MARX. Por exemplo, a classe social é uma categoria própria do capitalismo. No entanto, o Manifesto Comunista parece fazer remontar a luta de classes até as origens da história.

E a análise das leis da evolução econômica certamente cessará um dia. Então, a alienação religiosa não terá mais razão de ser ; tôdas as superestruturas que o homem destacou de si próprio voltarão a êle. O sistema econômico de MARX preenche, assim, as lacunas da filosofia de FEUERBACH. A alienação é explicada pela teoria de mais-valia. A esperança de uma abolição da alienação se encontra justificada na tésse catastrófica que fundamenta a certeza científica da Revolução. É o que é preciso demonstrar.

O proletariado, para MARX, é o Messias da Humanidade, que morre e ressuscita. No proletariado o homem se aliena cada vez mais, até que não lhe reste coisa alguma de humano. O proletariado é a "perda do homem", como diz MARX. *Ecce Homo*. Mas, quando essa perda fôr total, quando quasi tôda a humanidade fôr proletária e que a deshumanização dos trabalhadores fôr levada ao seu auge, então o proletariado se revoltará. A revolução será a negação da alienação ; portanto, a negação da negação do homem, a síntese da dialética econômica marxista. A Revolução reunirá para sempre o que o capitalismo monstruosamente separou : o trabalhador e o produto. Será o fim do mundo capitalista e o aparecimento do Reino do Homem. Não conhecemos nem o dia nem a hora. E MARX é sóbrio nas suas descrições da nova era que se iniciará. O fundador do socialismo científico nunca fez a teoria econômica senão do regime capitalista. Êle analisou os seus mecanismos, traçou a sua linha de evolução, predisse o seu fim trágico. E depois quiz, aí, baixar o pano. Não falemos de "regime marxista". MARX nunca descreveu uma cidade socialista. E se se pode achar em alguns de seus trabalhos secundários — por exemplo na "*Crítica do programa de Gotha*" — um certo número de perspectivas post-revolucionárias, não convem tomar muito à risca essas incursões indiscretas num domínio do qual MARX queria respeitar o mistério ; mas deve-se vêr nisso, apenas, con-

cessões feitas, mais ou menos contra a vontade — e sem muita convicção — às necessidades da polêmica.

Os progressos da teoria e a experiência de um século de evolução econômico não deixaram, verdadeiramente, que sobrasse grande coisa do sistema econômico de MARX. O princípio do valor-trabalho, a lei ricardo-marxista dos salários, a teoria da mais-valia do capital variável não podem mais ser sustentados hoje, senão por meio de acrobacias de raciocínio bem mal conduzidas. Certos marxistas se arrebatam : êles me fazem pensar naquêles monges de que os jornais falam recentemente, que acabam de estabelecer uma controvérsia sôbre a localização geográfica do paraíso terrestre. E certos anti-marxistas crêem triunfar, soberanamente, sôbre MARX demonstrando, fàcilmente, o erro da teoria da mais-valia : êles me fazem pensar nêsses propagandistas do livre-pensamento que crêem ter arrasado o cristianismo quando conseguem estabelecer, com grandes reforços de argumentos biológicos, que é muito difícil um homem viver três dias no ventre de uma baleia. Quando se tomam os dogmas à letra, a letra os mata. Mas, êles logo revivem além da sua letra. A mais-valia, do ponto de vista científico, nada mais é do que uma aproximação muito primitiva e — no que ela contem de preciso — inexata. Mas, a idéia de exploração que ela ilustra, o sentimento de opressão que ela justifica não perdem por isso tôda realidade. Até que ponto MARX mesmo lhe estava preso ? É fato digno de nota que êle só tenha consentido na publicação da sua *Crítica de economia política* (1859) e do primeiro tomo do *Capital* (1867) sob obstinada insistência de ENGELS, de quem êle poderia reear que lhe cortasse os mantimentos. Êle nunca quiz entregar à impressão os tomos II e III do *Capital*, e sua publicação por ENGELS e KAUTSKY constitui, talvez, uma emboscada póstuma. Que pensou MARX ao lê-los, no fim de sua vida ? Por quê se pôz êle a estudar ciências matemáticas, tardiamente, as quais haviam fornecido a WALRAS e muitos inglêses

o princípio de uma renovação sobre a teoria do valor? É muito plausível que MARX tenha concebido dúvidas sobre a sua própria teoria do valor, como o próprio RICARDO tinha concebido dúvidas análogas⁽¹⁰⁾. Mas se MARX tinha abandonado a teoria da mais-valia, isso não quer dizer que ele tenha renegado a essência do seu pensamento. Talvez se deva vêr em sua teoria econômica apenas uma ilustração facultativa, dada a título de exemplo, de uma filosofia social e de uma metafísica que não estão de forma alguma, necessariamente, ligadas ao mecanismo da formação do excesso do trabalho e à improdutividade do capital permanente.

Sem dúvida, mais grave para o marxismo do que o abandono pela teoria moderna do valor-trabalho e da mais-valia, é o desmentido das suas predições sobre a concentração das empresas, que nos parece dar, há um século, a evolução das estruturas econômicas e sociais⁽¹¹⁾. MARX tinha apresentado a concentração como um processo universal e indefinido. Ora, nós vemos que importantes setores da atividade econômica, como a agricultura e o comércio, resistem à concentração. Mesmo na indústria, os artífices, a pequena e média empresa continuam a ocupar um lugar não desprezível. E mesmo onde a concentração se verifica, ela não se nos apresenta como MARX a concebê-la; ela não tende para essa dicotomia social que MARX havia predito. A fórmula da sociedade anônima — que MARX conheceu e sobre a qual insistiu, mas talvez, sem se aperceber de todas as consequências — permitiu ao pequeno capitalista fazer sobreviver a pequena empresa. Os capitalistas continuam numerosos, enquanto a produção se concentra. E não se vê entre eles e o proletariado a formação desse abismo que MARX anunciara. As classes médias com as quais sonhava MARX — a dos artífices

(10) Cf. HUGUETTE BIAUJEAUD: *Ensaio sobre a teoria ricardiana do valor*. Paris, Sirey, 1934.

(11) Cf. EUGENIO GUDIN: *Capitalismo e sua evolução*. Conferência realizada na Liga de Defesa Nacional em 14 de maio de 1946, Rio de Janeiro.

essencialmente — estão, positivamente, em regresso. Mas, novas classes médias surgiram, que constituem um colchão cada vez mais estofado entre os capitalistas e os proletários. Trata-se dos “white collar people”, de todos aqueles que mobilizam as “atividades terciárias” ascendentes de COLIN CLARKE : funcionários, profissionais liberais, quadros industriais, burocratas, empregados, comerciantes, etc. . . . As revoluções mais recentes não são revoluções proletárias, porém revoluções das classes médias: como a revolução nacional-socialista. MARX extrapolarizara — na direção do futuro — um processo que se desenrolava sob seus olhos na Inglaterra do seu tempo. Mas, novas idéias intervieram. A doutrina de MARX traz o cunho do tempo e do lugar que definem suas coordenadas. É uma doutrina do carvão, da máquina a vapor, da correia de transmissão e da polia. De uma idade da técnica onde a energia criada não era transportável, exceto a distâncias muito pequenas e acarretando uma perda considerável; e onde sua produção estava sujeita a uma lei de rendimentos que decresciam rápida e quase indefinidamente. Essas são condições que forçam ao máximo a concentração técnica, e esta, para MARX, comandava tôdas as outras formas de concentração. Desde então tivemos a segunda revolução industrial, a da eletricidade e do motor de explosão. E muitos outros acontecimentos. As hipóteses de MARX foram ultrapassadas, recobertas pela história.

Não triunfemos muito depressa. Se a propriedade não se concentra como MARX o previra, não vemos nós por outro lado uma concentração incontestável e quasi universal do poder econômico ? De certos ângulos, não significa isso a mesma coisa ? As classes não evoluem de acôrdo com o esquema traçado por MARX ; segue-se, então, que não haverá revolução ? Os profétas jamais aunciam as catástrofes, exatamente, como elas acontecem. ISAIAS também não anunciara o Messias, exatamente, como êle veio. Se a teoria do marxismo não está mais “em dia”, se as perspectivas histó-

ricas de MARX precisam ser revistas, isso não abala a sua obra tanto quanto se pode crêr. E isso não nos faria esquecer tudo o que lhe devemos. O recuo do tempo permite talvez ao historiador medir melhor o seu alcance. Mas, também, muitas das riquezas que compõem a sua herança tornaram-se de tal forma nossas, e adquirimos o hábito de tantas vêzes nos servirmos delas, que, por vêzes, nos esquecemos de dar a MARX o que é de MARX. MARX impediu que o pensamento socialista se tornasse uma utopia, se subordinasse à tirania do juridismo, às ingenuidades do voluntarismo. Baseando o socialismo na sua teoria econômica, êle lhe deu o direito de ser citado em economia política. Baseando-o na história, êle lhe deu o direito de ser citado na história. A classe social — é uma descoberta, e em parte, também, uma invenção, uma obra de MARX. No Brasil, onde os conflitos sociais não são agudos, custa-se a imaginar a fôrça que o espírito de classe possui fora daqui. Nós o experimentamos na Europa, antes e durante a guerra : é êsse, talvez, o sentimento mais profundo, mais resistente, que existe no coração dos homens. MARX foi o proféta do proletariado. E sua doutrina é a filosofia imanente do proletariado, como o paganismo é a religião imanente do camponês ou o ceticismo a atitude imanente do intelectual. Isto não quer dizer que todos os intelectuais sejam pirronianos, nem que todos os camponeses adorem Jupiter. Da mesma maneira, um autêntico proletário pode muito bem não ser marxista. Mas, eu não aconselharia, a quem considera MARX hermético, aprender o alemão, nem passar as noites lendo as páginas indigestas do *Capital* ; e, sim, de preferência, que se esforçasse em conhecer os trabalhadores. Êsses nunca leram MARX ; no entanto, êles o compreendem melhor do que nós. Não que êles adivinhem MARX, mas, porque o gênio de MARX os adivinhou. Muitas coisas que não foram reveladas aos doutos e aos prudentes, os pequenos e os humildes conhecem.

Enfim, MARX enriqueceu a história das doutrinas econômicas com uma construção sem igual em amplitude e majestade. Sobre uma interpretação da vida econômica êle edificou uma sociologia, uma filosofia da história, uma visão total do homem e do seu destino. E se admitimos que ser economista é tentar conceber e explicar o máximo de coisas possível, partindo da economia, então MARX é economista por excelência. Para todo economista, qualquer que seja, o materialismo histórico, em certo sentido é uma hipótese de trabalho prejudicial; e todo economista é um pouco marxista por vocação. Apenas, se êle tem consciência de que só o é por vocação, os marxistas o renegarão. . .

Assim, o abandono da teoria da mais-valia, os limites a que chegou a concentração, as modalidades imprevistas que a revestiram, não pagaram senão uma parte bem pequena da dívida que os economistas têm para com KARL MARX. De resto, atacá-lo em nome da teoria não é colocar-se sobre o verdadeiro terreno do marxismo. MARX elaborou o seu sistema econômico acompanhando dia a dia essa incessante batalha que foi a sua vida. Mais do que uma construção especuladora, foi uma arma de guerra que êle forjou. O pensamento econômico de MARX apenas se ilumina se considerarmos nêle, ao mesmo tempo que o pensador, o lutador e o homem de ação.

O Homem de Ação

Ao ver-se seu aspecto físico descuidado, sua mesa de trabalho em desordem, seu gênero de vida recluso e concentrado, a fazer-se o inventário dos amigos que lhe agradavam e dos livros que compunham sua bibliotéca, parece, com efeito, que MARX era, antes de tudo, um intelectual, um filósofo. Mas, MARX era um desses filósofos que provam o movimento em marcha. Como acontece com muitos fundadores de religiões, é em sua vida, tanto quanto em seus

livros, que devemos procurar a sua doutrina. MARX era historiador ; mas, para êle a história era a ciência do futuro, e do futuro que os homens constroem. Não se a conhece senão para construí-la, e só se a conhece construindo-a. A história tem por objetivo a ação dos homens. MARX era economista, mas seu sistema econômico estava repleto de intenções polemistas. Êle o construiu como certos apóstolos que se tornam teólogos, porque precisam de uma doutrina "para combater a heresia".

Falou-se de pragmatismo a propósito de MARX. Mas, talvez fosse melhor, a êsse respeito, recordar MAURICE BLONDEL mais do que WILLIAM JAMES. MARX não subordina de forma alguma o pensamento à ação. Um e outra são para êle indissolúveis. Só há de verdadeiro a ação. Mas, também, só é eficaz a ação que se apoia sôbre a verdade.

Desde o início de sua vida de estudante, MARX nunca passou um ano sem fomentar qualquer agitação, sem se expandir em polêmicas através das colunas de qualquer jornal subversivo, sem fazer intrigas nos corredores de algum grupo revolucionário.

No começo, em sua Renânia natal, então desanexada da França e entregue à monarquia prussiana reacionária, MARX estava a serviço das idéias de 1789. Seu pai não tivera, também, outróra, em Trèves, grandes aborrecimentos por ter cantado a Marselhesa ? MARX, de início, se propõe a seguir o mesmo caminho. Mas, êle cêdo desenvolverá uma audácia que irá amedrontar e escandalizar seu pai. Êle provoca as autoridades de frente ; ataca, violentamente, o feudalismo prussiano ; combate, ferozmente, a Igreja ; defende os judeus, a liberdade de imprensa, o habeas corpus. Cita-se, mesmo, um seu artigo — um pouco picante para nós — no qual êle levanta o princípio da liberdade do comércio contra o contrôle de nem sei mais qual ministro prussiano. Ao lado dos hegelianos da esquerda na *Gazeta Renana* e depois ao lado de RUGE nos *Anais Franco-Alemães*, MARX

luta por ideais que, mais tarde, êle confundirá sob o título de “pequeno-burgueses”. Tendo-se tornado comunista, êle considerará, no entanto, a revolução burguesa como uma etapa ainda necessária à evolução social. A classe operária deve aliar-se à burguesia avançada contra o feudalismo, onde êste subsiste parcialmente ; porém, essa aliança deve ser temporária, por pura tática, para que mais tarde a classe operária melhor possa esmagar a burguesia. O fito não é mais a liberdade e a igualdade ; a revolução burguesa não oferece outro interêsse a seu olhos além do fato de que ela pode apressar a revolução proletária, que MARX já distingue claramente. É nêsse ponto que se encontra MARX na ocasião em que redige o Manifesto Comunista.

Durante os mèses que se seguem à revolução de 1848, êle se mostrará cada vez mais cético. Não condena a aliança entre o proletariado e a burguesia avançada ; mas perdeu tôda ilusão. Pelo menos, no momento, o proletariado será enganado. Como cada dia, nas usinas, êle derrama o seu suor pela burguesia, é por ela, ainda, que êle derramará o seu sangue nas barricadas. *Sic vos non vobis*. Mais tarde, especialmente nas suas relações com a democracia social alemã, MARX será mais radical, ainda, na sua crítica do “radicalismo burguês”. Êle impedirá, ferozmente, tôda intrusão da idéia liberal burguesa na mística e no programa do movimento proletário. Tal será o sentido de sua longa polêmica contra LASALLE, e de sua *Crítica do programa de Gotha*. E para êle a ação política passa ao segundo plano. A política é impura, traz com ela graves perigos de deturpação. O verdadeiro terreno da ação proletária não é a política, é o movimento operário.

Não haveria necessidade de rememorar aqui as peripecias complexas da luta que MARX conduziu no seio da Primeira Internacional dos Trabalhadores. Preferiríamos tentar caracterizar o espírito de MARX como homem de ação. MARX é um grande teórico da tática revolucionária e êle pre-

gou-a com seu próprio exemplo. Suas maneiras aliam uma intransigência absoluta a um maquiavelismo perfeito. Há nêle, ao mesmo tempo, um inquisidor e um jesuita. O inquisidor guarda, ferozmente, a pureza da ortodoxia. Êle excomunga, uns após os outros, todos os chefes do movimento operário: PROUDHON, LASSALLE, BAKOUNINE, LIEBKNECHT, e dezenas de outros menos célebres. Possui uma extraordinária certeza. Ê ele o dono da verdade. Ê a êle que pertence o futuro. Preferirá parecer perder a partida do que tolerar a mínima coisa. Tem a paixão de "reinar só". Mas, há, também, em MARX um jesuita. Todos os caminhos conduzem à revolução. Só o fim deve ser considerado: o fim justifica os meios. MARX tem maneiras cautelosas, vias tortuosas, caminhos complicados. Seu jogo será escondido, as alianças mais estapafurdias serão realizadas, a divisão será semeada pelo campo adversário, e o seu guarda-roupa se comporá de diversos trajes, afim de poder representar muitos papeis e combater em muitos planos ao mesmo tempo. Não se pode escolher entre os meios. Todos devem ser utilizados ao mesmo tempo; os legais e os ilegais; os pacíficos e os violentos; a luta política e a ação direta do proletariado. E tudo o que se deriva de fonte, autenticamente, proletária não pode, afinal, senão conduzir à Revolução.

A implacável lógica finalista que penetra a tática marxista explica as côres cínicas que o pensamento de MARX toma, frequentemente, a nossos olhos. Quem quer que, ainda, não tenha penetrado bem o espírito de MARX pode surpreender-se em verificar que êle tenta justificar a escravatura. Não pela natureza, como ARISTÓTELES, mas pela história. Sem escravatura não teria havido civilização antiga; sem civilização antiga não teria existido renascimento; sem renascimento não teria havido revolução industrial; sem revolução industrial não haveria capitalismo; sem capitalismo não haveria proletariado e, portanto, não haveria socialismo revolucionário. MARX apoiará BISMARCK, certamente,

não por amor a BISMARCK, mas porque a política de BISMARCK fez subir a influência da Alemanha, e o proletariado alemão estava mais próximo da verdadeira doutrina do que o proletariado francês, infestado de proudhonismo. Êle culpará a anexação da Alsácia. Não, por certo, que êle se preocupe com a liberdade dos alsacianos; mas, porque êle teme que a violência feita à França provoque uma aliança franco-russa, ameaçadora para a Alemanha, cujo proletariado traz a doutrina mais pura. Mas, logo êle se apercebe que essa aliança franco-russa tem possibilidades de provocar uma guerra, na qual a Rússia seria vencida, e êsse revez poderia desencadear a Revolução na Rússia. Esta espantosa profecia traz a data de 1870⁽¹²⁾. MARX sempre se alegrou com as guerras, êle as deseja e gostaria de poder provocá-las. Não que êle seja partidário da beligerância, mas porque as guerras apressam a marcha da história, porque elas trazem no seu seio as revoluções. MARX se alegra também com as crises econômicas. Êle anseia por elas com impaciência. Êle pensa que o movimento operário só pode estender-se e purificar-se e que a Revolução só pode triunfar em período de depressão cíclica de grande duração (perdoem-nos o anacronismo dessas expressões). A curva do humor de MARX evolui em sentido inverso ao da conjuntura. O longo período de prosperidade que começou em 1851 torna-o, positivamente, doente. Êle não se acalma com as descobertas das minas de ouro da Austrália e da Califórnia. Mas exulta e subitamente se restabelece quando rompe a crise de 1857. MARX se alegra com a miséria dos operários, pois ela estimula a sua consciência de classe. Êle é favo-

(12) O texto merece ser citado: "O que esses imbecis de prussianos não vêm é que a presente guerra leva a uma guerra entre a Alemanha e a Rússia, tão inevitavelmente como a guerra de 1866 conduziu a uma guerra entre a Prussia e a França. E uma guerra N.º 2 desse tipo servirá como a parteira para a revolução social inevitável na Rússia". KARL MARX. *Correspondência*, 1.º de setembro de 1870, citado por ANDRÉ VÈNE, *Vida e doutrina de Karl Marx*, Paris, Editions de la Nouvelle France, 1946, p. 305.

rável ao desenvolvimento das leis sociais ; mas, unicamente, porque considera que elas intensificam a concorrência do homem e da máquina, que elas precipitam e agravam as crises e produzem um *chômage* agudo. MARX é o grande teórico da política do pior. Ele nos parece possuído de *Schadenfreude* — uma palavra que não tem tradução e que significa : alegria que se sente pelo mal que chega e pelo que ele causa. MARX tem o culto do homem, mas tem consigo imensas reservas de desprêso para com os homens. É preciso ouvi-lo falar dos camponêses, do *Lumpenproletariat*, dos socialistas sentimentais . . .

Deveria dizer-se que MARX era destituído de coração ? É um erro moderno acreditar que um inquisidor não tem coração, e é, eternamente, um erro acreditar que um homem possa não ter coração. É necessário retermos a *Jeanne d'Arc* de BERNARD SHAW. Um inquisidor não é aquêle que ama a verdade mais do que aos homens, é o que nos homens não ama coisa alguma senão a sua vocação para a verdade.

MARX foi o homem de um só amor, precoce, fervente e fiel. Os gritos que a miséria lhe arranca, a dôr que exprime pela morte de seus filhos, a piedade que sente pelos sofrimentos das massas têm ressonâncias autenticamente humanas. Na casa de pobres que ele habita, algum tempo, em Londres, entre as pilhas de papeis poeirentos, os cachimbos sujos e os filhos que choramingam, ele recebe operários aos quais explica, pacientemente, no quadro negro, os mistérios dos mecanismos econômicos. A camaradagem proletária, rude, leal, taciturna, absolutamente fiel — uma das formas mais viris e mais nobres do amor — ele a praticou, viveu-a e mesmo como que a inventou. Há, em MARX, sobre os operários, frases que não enganam sôbre o respeito, a afeição que ele lhes devotava. Quando se evoca por exemplo “êsses rostos de traços endurecidos pelo esforço onde se reflete tôda a beleza do humano” chega-se a pensar que, talvez, a aspereza de MARX, a maneira cínica que ele aparenta,

a sua dialética feroz não traduzem senão uma resistência da sua vontade à ternura natural do seu coração. Elas não deixam, no entanto, de ser terríveis. MARX edificou uma construção grandiosa, mas bárbara. Falta, em sua obra, tudo o que nós franceses sabemos bem como atribuir ao verdadeiro gênio: a arte, a felicidade, a leveza, a clara luz matinal. O marxismo é um pensamento noturno. MARX apenas reagiu contra a abstração de FEUERBACH e de RICARDO para recair nele próprio numa dialética ainda mais indigesta e rebarbativa. Essa redução que ele fez do homem ao social, do social ao histórico e da história à economia despe o homem de tudo o que constituía a sua verdadeira dignidade. Sob o nome de “valores burgueses” MARX destina à destruição e ao desprezo os mais altos valores humanos: a arte desinteressada, o direito natural, a ciência gratuita, a vida privada, Deus.

Será o comunismo marxista? Por muito tempo se discutirá a conformidade das Igrejas ao espírito de seus fundadores. Quem pois — de LENINE ou de KAUTSKY — foi fiel a MARX? Quem — de STALIN ou de TROTSKY — foi fiel a LENINE?

Quando se termina a obra de MARX para lançar os olhos sobre o comunismo russo contemporâneo, o espírito é assaltado por violentos contrastes. MARX era o profeta de um movimento de classe, enquanto que é um partido político que governa a Rússia. MARX pregou o internacionalismo dos proletários, no entanto, é um novo imperialismo nacional que lá vemos nascer. Como poderemos encontrar o traço de MARX nessa nova mística produtivista e tecnocrática, manobrada com finalidades militares, que hoje domina o país dos Soviets? Há em MARX uma só frase que anuncie o planismo? MARX, sem dúvida, tinha previsto um período transitório de “ditadura do proletariado”, entre a queda do capitalismo e o aparecimento da sociedade sem classes, sem autoridade estatal, abundantista e libertária, que devia ser a

sociedade comunista. Mas, não estarão os Soviets eternizando o que para MARX era apenas o purgatório, e tomando-o pelo paraíso, enquanto esquecem, completamente, o paraíso de MARX ?

Tudo isso não pode deixar de nos perturbar. Nunca se compreenderá coisa alguma sôbre religiões se não se adquiriu o sentido do desenvolvimento dos dogmas. Não é em vão que se deve reler NEWMAN para interpretar o comunismo. MARX era mais ocidentalista, mais marcado pelas idéias do Renascimento e da Revolução Francesa do que LENINE e STALIN ? JESUS, também, era mais judeu do que SANTO AGOSTINHO e mesmo do que SÃO PAULO. A despeito dos contrastes violentos que opõem à atmosfera das margens do lago de Tiberíades a da côrte do Vaticano, ou talvez por causa mesmo dêsses contrastes, porque êles testemunham que a Igreja de Roma soube adaptar as formas para guardar viva a mensagem de seu Mestre, cremos e vemos nela a esposa legítima e fiel de JESUS CRISTO. Vínculos da mesma ordem unem, talvez, o Komintern e a Internacional de Belgrado — ao velho barbado que morreu em 1883. De bom grado me inclinaria a atribuir a MARX tôda a glória do que tem de grande a experiência soviética e tôda a responsabilidade do que ela tem de deshumano.

MARX pregou a religião da Terra e o Comunismo a constituiu em Igreja. Os primeiros trinta anos da revolução russa lembram os três primeiros séculos do cristianismo. Consumação da ruptura com a Lei Antiga, assimilação de tradições pagãs, decantação do escatologismo, fomentação de grandes heresias, entre as quais a ortodoxia se define e fortifica, constituição da autoridade dogmática, elaboração da disciplina eclesiástica, tudo isto se encontra em uma e outra histórias. O comunismo staliniano tem, entre os marxistas, o lugar que corresponde ao da Igreja de Roma entre os credos cristãos. Até o ponto em que êle possa ser levado a dar

frutos, entretanto, essa analogia permanece formal. A “religião” comunista está limitada ao plano terrestre. Ela só tem duas dimensões. E mesmo para êste mundo onde está limitada, ela acarreta uma série de consequências. MARX não era, certamente, totalitário. Mas, a forma católica da religião sem transcendência que êle pregou não podia, lógicamente, deixar de sê-lo. Se o catolicismo cristão não é a mesma coisa, é devido à terceira dimensão, que comporta a multiplicidade de planos superpostos, heterogêneos: alma e entendimento, fé e razão, sobrenatural e natural, espiritual e temporal, etc. . . *In certibus unitas, in dubiis libertas. . . Regnum meum non est hinc, etc.* Não poderia se dar o mesmo com o comunismo. Assim, também — rendendo homenagem à sua coragem e à sua generosidade — não posso compreender a posição de muitos de meus colegas franceses que se dizem ao mesmo tempo cristãos católicos e comunistas. As formas católicas da religião da terra e as da religião do céu não poderiam ser compatíveis. Não se pode professá-las, em conjunto, sem importantes restrições mentais, conscientes ou não, de uma parte ou de outra. Mas, a adesão à sua Igreja não é o único meio de que se pode tirar proveito das lições de um profeta. Sem fazer parte do aprisco, nós bem que poderíamos afastar alguns demônios em nome de MARX. Podem existir protestantes, liberais e modernistas do marxismo. Não é nada extraordinário que os comunistas odeiem, da mesma maneira, tal atitude. Êles são, nêsse ponto, perfeitamente, lógicos na sua ortodoxia e não podemos criticá-los. Mas, não podemos tão pouco esperar que êles nos agradeçam pelo esforço de compreensão que aqui tentamos.

SUMMARY

KARL MARX

1 — *The author proposes to characterize the 20th century which has actually begun in 1917 — by a sudden renaissance of the religion and the catholic principle, absolutely unforeseen until 1913. He*

understand these two words here in a purely sociological sense. The religion (from Latin: religio – religare: to bind), that which binds together the thought, the feelings, the private behavior and the public life, furnishing them all a common foundation. The catholic churches will be those that claim their universality, their perpetuity and their continuity, and at the same time possess an orthodoxy, a discipline, a hierarchy. Yet, since thirty years we see a new soaring of catholicism, the awakening of Islam, the rise of communism. One should not abuse religious analogies when dealing with communism, for it denies not only God, but also all transcendence. Through, communism takes the place of a religion in the life of its followers. It is their reason for living and their reason for dying. And the number of communists, in the world has already surpassed that of the members of the Roman Catholic Church. Should the communism be compared to a religion, that would suggest: a) that it has to be understood from the inside; b) that we should mistrust superficial "refutations" of the communism: religions cannot be refuted.

2 – *The prodigious soaring of the communism calls our attention to its founder, KARL MARX. Born in 1918 at Trèves, KARL MARX has experienced a combination of large influences of all kinds. He is currently defined as economist. But KARL MARX' economic system was created with the only purpose of expanding a philosophy and illustrating an active fight, otherwise it could not be interpreted.*

3 – *Hence, the author starts by evoking MARX' philosophy and by describing its genesis, beginning with HEGEL. HEGEL's thought was in unstable equilibrium between the idea and nature. The hegelian left, to which MARX adheres at the beginning, is idealist before anything else. In pursuing the pure idea, BRUNO BAUER and his friends bring forth barbarous and abstract concepts.*

FEUERBACH reacts in 1841, with Das Wesen des Christentums. For FEUERBACH, the primary reality is no more th eidea, but the man. The man is one, and he has broken himself artificially: he has thrown out of him, as on a screen, his best part, and has given it an autonomous existence beyond him. This alienation should be brought to an end, and the man should be returned to his primitive plenitude.

MARX sponsors the idea of alienation, but he is anxious to explain alienation and to render plausible the approaching end of alie-

nation. FEUERBACH did not know how to do it, because FEUERBACH, in spite of his reaction to the hegelian left, remains an abstract mind. The man he dresses against the hegelian idea is still an idea: not the man, but the immutable essence of the man.

Then, in order to react to the abstract humanism of FEUERBACH, MARX insists on everything the man possesses besides reason. In the further searching of the living reality, he jumps down, four by four, the degress of the man. He states that the evolution of the economic infrastructure commands that of the juridical, moral, esthetic and religious superstructures. It is in the hold that we find the motor of the ship of humanity.

It is convenient, however, to mistrust the prime interpretations of historical materialism. More than the material against the spiritual, MARX places life against dead abstraction. The historical materialism is not an ontological materialism, no more than a historical determinism. It is a selenism and, at the bottom, it is mainly a humanism.

4 — In any case, the itinerary of MARX' philosophy drives him into political economy. In 1844, he undertakes to become an economist. FRIEDRICH ENGELS, who will become his alter ego — and perhaps his evil genius — directs his studies. MARX, however, prefers RICARDO, rather than the French socialists that ENGELS cherishes. RICARDO will hold in MARX' economic thought the same role played by HEGEL in his metaphysics. MARX will sustain RICARDO's frames and rhythms, but he will turn his doctrine upside-down.

MARX finds in RICARDO a theory of the production based on the mechanisms of repartition, and the theory of the work-value, and the law of the natural salary equal to the minimum necessary to the worker's substance. From these laws he will deduce, with precise logic, his own theory of the plus-value, wich is the foundation of a faithfully ricardian static.

The marxian dynamics will not follow this trend. It is based on the constant increase of the plus-value, the progressive accumulation of the capital, the rising concentration of the enterprises, the progressive disappearance of the medium classes, the advance of the proletariat, the continuous depletion of the capitalism, the catastrophic thesis.

MARX' economic system wonderfully answers the questions raised in his philosophy. The plus-value is an economic alienation, an alienation of the infrastructure, of which FEUERBACH's religious and

metaphysic alienation constitute for MARX but a reflex. Economic alienation is explained by history, and history announces its close end. That should be demonstrated. The proletariat is the Messiah who dies and resurrects. The Revolution is the end of the world. We do not know the day, nor the time, and MARX is sober about this kingdom of the man that it should initiate. All that we know is that the Revolution will definitely reconcile what the capitalism had monstruously severed: the laborer and the product.

The progress of the economic theory and the later evolution of capitalism have overthrown practically all of MARX' economic system. The theory of plus-value cannot be maintained unless through logistic acrobatism of bad quality. But many indications make us believe that MARX himself had some doubts in this respect. May be the plus-value was no more in this thought than an allowable illustration given as an example for a philosophy which was not necessarily connected to it.

The process of concentration does not develop as MARX had foreseen it. Agriculture and commerce resist to the concentration. The corporation has permitted the small capitalist to survive the small enterprise; it has dissociated the concentration of the enterprises from that of the propriety. Whereas the old medium classes decays according to the marxian prediction, new medium classes showed up: government employees, dealers, employees of all types, industrialists — these are neither capitalists nor proletarians. Society does not seem to lean to a structure increasingly dichotomic, as MARX had prognosticated. That perhaps does not invalidate the marxism as much as it may appear. Prophets have never predicted events exactly as they actually happen.

In any case, MARX' work remains great. In basing socialism on economic theory and history, he has given it the right to be cited in political economy and history. The social class is a discovery, and also a sort of invention, a MARX deed. His doctrine is somewhat the immanent philosophy of the proletariat. And MARX has left us a unique construction, should we consider its amplitude and majesty. If it is true that un economist is a man that tries to understand the most possible things starting from economy, every economist is by vocation somewhat marxian.

5 — MARX' economic system has been built to service a cause. No less than a speculative construction, it is also a war weapon

against the proudhonians and against the bourgeoisie. MARX thought is enlightened by his action, by his life.

MARX, at first, has struggled in Prussia on account of the liberal ideas of the French Revolution. Becoming a communist, he has preached initially temporary alliances with the advanced bourgeoisie; later on he has increasingly mistrusted anything that might alter the purity of the proletarian fight. The direct labor action brings him closer to the political fight as per marxian tactics.

The marxian revolutionary tactics is characterized all at once by an absolute intransigence and by an accomplished machiavellism.

There are in MARX, at the same time, an inquisitor and a jesuit. MARX is the ferocious guardian of the revolutionary orthodoxy, he excommunicates one after the other all the chiefs of the workmen's movement, he has the passion to dictate orders alone. But he also has "soft manners", he loves tortuous paths and complicated ways. The revolutionary end justifies the means. All of them, even the most opposed, should be used at the same time.

Therefore, we find in MARX some features which seem to us rather cynic: he justifies the ancient enslavement, he desires the wars, he enjoys the economic crisis. He seems possessed of Schadenfreude.

That does not mean that MARX has no heart. His life among his family, his friendship for ENGELS witness the contrary. And also that strong friendship toward workmen, which he has created and lived.

On the other hand, MARX' work is barbarous. By reducing the man to the social, the social to the historic and the history to the economy, MARX deprives the man from what makes his true dignity. Under the title of bourgeois values, MARX devotes to despise and destruction the most noble human values.

6 — Is the communism marxian? When we finish reading MARX' books and consider Russia nowadays, we are seized by violent contrast. What more strange to MARX than productive and technocratic mysticism in the service of the military power which rules soviet life? Nevertheless, the author, who invokes NEWMAN's doctrine of the development of the dogma, leads to believe that there is no solution of continuity between MARX and STALIN, and that the Russian communism is faithfully, authentically marxian. It is just to render to MARX the honor of what is great in the soviet experience, and the responsibility of what this experience has of inhuman.

7 — MARX has preached the religion of the Earth, and the communism established its Church. The author makes a parallel between the first thirty years of the soviet experience and the three first centuries of christianity. However impressing, these analogies remain superficial. The catholic shape of a religion without transcendence is necessarily totalitarian. The christian catholicism cannot be considered as such, due to the third dimension, supernatural, vertical, condemned by the marxism.

Although he recognizes the courage of those among his French colleagues who say to be at same time catholics and communists, the author does not agree that their thought is coherent. Without being communist, one may be a liberal protestant or modernistic marxian. But the author knows well that there is nothing the communists hate more than such attitude. For this same reason, he does not expect them to be pleased with the effort he has exerted in attempting an understanding of the marxism.

RÉSUMÉ

KARL MARX

1 — L'auteur propose de caractériser le XXe siècle — celui qui a commencé en 1917 — par une renaissance brusque, et tout à fait imprévisible en 1913 — de la religion et du principe catholique. Il entend ici ces deux mots en un sens purement sociologique. La religion, ce sera ce qui relie ensemble la pensée, les sentiments, la conduite privée, la vie publique en leur fournissant un fondement commun. Les églises catholiques, ce seront celles qui ont une prétention à l'universalité, à la perpétuité, à la continuité; et en même temps une orthodoxie, une discipline, une hiérarchie. Or depuis trente ans nous voyons un nouvel essor du catholicisme romain, de réveil de l'Islam, la montée du communisme. Il ne faut pas abuser des analogies religieuses lorsqu'il s'agit du communisme: il nie non seulement Dieu, mais toute transcendance. Pourtant le communisme occupe dans la vie de ses adeptes la même place qu'une religion. Il est leur raison de vivre et leur raison de mourir. Et le nombre des communistes dépasse déjà dans le monde celui des fidèles de l'Eglise catholique romaine. Que le communisme puisse être comparé à une religion, cela suggère. a) qu'on ne peut comprendre que de l'intérieur, b) qu'il faut se méfier des "réfutations" superficielles du communisme: les religions ne se réfutent pas.

2 — Le prodigieux essor du communisme appelle l'attention sur la figure de son fondateur KARL MARX. Né en 1818 à Trèves, KARL MARX s'est trouvé subir une conjonction très riche d'influences de toutes sortes. On le définit couramment comme un économiste. Or le système économique de KARL MARX n'a été conçu que pour prolonger une philosophie, et de illustrer une lutte active hors desquelles on ne le saurait prétendre interpréter.

3 — L'auteur commence donc par évoquer la philosophie de MARX et par décrire sa genèse à partir de HEGEL. La pensée de HEGEL était en équilibre instable entre l'idée et la nature. La gauche hégélienne, à laquelle MARX se rattache tout d'abord, est avant tout idéaliste. A la poursuite de l'idée pure, BRUNO BAUER et ses compagnons échafaudent des châteaux de concepts abstraits et barbares.

FEUERBACH réagit en 1841, avec *Das Wesen des Christentums*. Pour FEUERBACH, la réalité première n'est plus l'idée, mais l'homme. L'homme était un, il s'est brisé artificiellement : il a projeté hors de lui, comme sur un écran, la meilleure partie de lui-même, hors de lui, comme sur un écran, la meilleure partie de lui-même, pour lui prêter une existence autonome et extérieure à lui. Il faut mettre fin à cette aliénation, et rendre à l'homme sa plénitude primitive.

MARX adopte l'idée de l'aliénation, mais il se préoccupe d'expliquer l'aliénation et de rendre plausible la fin prochaine de l'aliénation. FEUERBACH n'a pas su le faire, parce que FEUERBACH, malgré sa réaction contre la gauche hégélienne, demeure un esprit abstrait. L'homme qu'il dresse contre l'idée hégélienne est encore une idée : non pas l'homme, mais l'essence immuable de l'homme.

Alors pour réagir contre l'humanisme abstrait de FEUERBACH, MARX insiste sur tout ce qui dans l'homme n'est pas la raison. A la recherche de toujours plus de réalité vivante, il descend quatre à quatre les étages de l'homme. Il affirme que l'évolution de l'infrastructure économique commande celle des superstructures juridiques, morales, esthétiques, et religieuses. C'est dans la cale que se trouve le moteur du vaisseau de l'humanité.

Il convient toutefois de se méfier des interprétations primaires du matérialisme historique. Bien plus que la matière à l'esprit, MARX oppose la vie à l'abstraction morte. Le matérialisme historique n'est pas un matérialisme ontologique ; ce n'est pas non plus un déterminisme historique. C'est un sélénisme et c'est au fond surtout un humanisme.

4 — Quoi qu'il en soit, l'itinéraire de sa philosophie accule MARX à l'économie politique. En 1844, il entreprend de devenir économiste. FRIEDRICH ENGELS, qui deviendra son alter ego — et peut-être son mauvais génie — guide ses lectures. Aux socialistes français dont ENGELS est nourri, MARX préfère toutefois RICARDO. RICARDO tiendra dans sa pensée économique un rôle analogue à celui que HEGEL a joué dans sa métaphysique. MARX conservera les cadres et les rythmes de RICARDO, mais retournera sa doctrine.

MARX trouve chez RICARDO une théorie de la production fondée sur les mécanismes de la répartition, et la théorie de la valeur-travail, et la loi du salaire naturel égal au minimum nécessaire à la subsistance ouvrière. Avec une rigoureuse logique, il déduira de ces lois sa propre théorie de la plus-value, qui fonde une statique très fidèlement ricardienne.

La dynamique marxiste le sera moins. Elle repose sur l'augmentation constante de la plus-value, l'accumulation progressive du capital, la concentration croissante des entreprises, la disparition progressive des classes moyennes, la montée du prolétariat, l'épuisement continu du capitalisme, la thèse catastrophique.

Le système économique de MARX répond merveilleusement aux questions que posait sa philosophie. La plus-value est une aliénation économique, une aliénation dans l'infrastructure, dont l'aliénation religieuse et métaphysique de FEURBACH constitue pour MARX le reflet. L'aliénation économique s'explique par l'histoire, et l'histoire annonce sa fin prochaine. Ce qu'il fallait démontrer. Le prolétariat c'est le Messie, qui meurt et ressuscite. La Révolution c'est la fin du monde. Nous n'en connaissons ni le jour, ni l'heure et MARX est sobre sur ce royaume de l'homme qu'elle doit instaurer. Nous savons seulement qu'elle réconciliera définitivement ce que le capitalisme avait monstrueusement séparé : le travailleur et le produit.

Du système économique de MARX, les progrès de la théorie économique et l'évolution ultérieure du capitalisme n'ont à peu près rien laissé debout. La théorie de la plus-value n'est plus soutenable sans acrobaties logistiques de mauvais aloi. Mais plusieurs indices inclinent à penser que MARX lui-même nourrissait à son sujet quelques doutes. La plus-value n'était peut-être dans sa pensée qu'une illustration facultative donnée à titre d'exemple d'une philosophie qui ne lui était pas liée nécessairement.

Le processus de concentration ne se déroule pas comme MARX l'avait prévu. L'agriculture et le commerce résistent à la concentration. La société anonyme a permis au petit capitaliste de survivre à la petite entreprise ; elle a dissocié la concentration des entreprises de celle de la propriété. Tandis que les classes moyennes anciennes déclinaient selon la prédiction marxiste, de nouvelles classes moyennes ont surgi : les fonctionnaires, les commerçants, les employés, les cadres industriels ne sont ni des capitalistes, ni des prolétaires. La société ne semble point tendre, comme MARX l'avait prédit, vers une structure de plus en plus dichotomique. Cela peut-être n'infirme pas le marxisme autant qu'on le pourrait penser. Les prophètes jamais n'annoncent les événements exactement comme ils sont destinés à se produire.

Et l'oeuvre de MARX reste grande en tous cas. En fondant le socialisme sur la théorie économique et sur l'histoire, il lui a donné droit de cité dans l'économie politique et dans l'histoire. La classe sociale est une découverte, et aussi un peu une invention, une oeuvre de MARX. Sa doctrine est en quelque sorte la philosophie immanente du prolétariat. Et MARX nous a laissé une construction égale sous le rapport de l'ampleur et de la majesté. S'il est vrai qu'un économiste est un homme qui cherche à comprendre le plus de choses possible à partir de l'économie, tout économiste est un peu marxiste par vocation.

5 — Le système économique de MARX a été édifié au service d'une cause. Non moins qu'une construction spéculative, il est une arme de guerre contre les proudhoniens et contre la bourgeoisie. La pensée de MARX s'éclaire par son action, par sa vie.

MARX a d'abord lutté en Prusse pour les idées libérales de la Révolution française. Devenu communiste, il a d'abord préconisé les alliances temporaires avec la bourgeoisie avancée ; puis il s'est méfié de plus en plus de tout ce qui pouvait altérer la pureté de la lutte prolétarienne. L'action ouvrière directe l'emporte de plus en plus, dans la tactique marxiste, sur la lutte politique.

La tactique révolutionnaire marxiste se caractérise à la fois par une intransigeance absolue, et par un machiavélisme consommé. Il y a en MARX à la fois un inquisiteur et un jésuite. MARX est le gardien farouche de l'orthodoxie révolutionnaire, il excommunie les uns après les autres tous les chefs du mouvement ouvrier, il a la passion de régner seul. Mais il a des "manières feutrées", il aime les voies tortueuses et les chemins compliqués. La fin révolution-

naire justifie les moyens. Tous, même les plus opposés, doivent être employés à la fois.

D'où chez MARX des traits qui nous semblent cyniques : il justifie l'esclavage antique, il souhaite les guerres, il se réjouit des crises économiques. Il semble possédé de Schadenfreude.

Il n'en faut point conclure que MARX soit dénué de coeur. Sa vie de famille, son amitié pour ENGELS témoignent du contraire. Et non moins cette mâle camaraderie ouvrière, qu'il a conçue et vécue.

L'oeuvre de MARX n'en est pas moins barbare. En réduisant l'homme au social, le social à l'historique et l'histoire à l'économie, MARX dépouille l'homme de ce qui fait sa vraie dignité. Sous le nom de valeurs bourgeoises, ce sont les plus nobles valeurs humaines que MARX voue au mépris et à la destruction.

6 — Le communisme est-il marxiste ? Lorsque l'on quitte les livres de MARX, et que l'on jette les yeux sur la Russie actuelle, on est d'abord saisi par de violents contrastes. Et quoi de plus étranger à MARX que cette mystique productiviste et technocratique au service de la puissance militaire, qui domine la vie soviétique ? Pourtant l'auteur, qui invoque la doctrine newmanienne du développement des dogmes, incline à penser qu'il n'y a pas de solution de continuité entre MARX et STALINE, et que le communisme russe est fidèlement, authentiquement marxiste. Il est juste de reconnaître à MARX tout l'honneur de ce qu'il y a de grand dans l'expérience soviétique, et toute la responsabilité de ce qu'elle a d'inhumain.

7 — MARX a prêché la religion de la Terre, et le communisme l'a constituée en Eglise. L'auteur brosse un parallèle entre les trente premières années de l'expérience soviétique et les trois premiers siècles du christianisme. Si saisissantes que soient ces analogies, elles demeurent superficielles. La forme catholique d'une religion sans transcendance est nécessairement totalitaire. Si le catholicisme chrétien n'est rien moins que tel, c'est à cause de cette troisième dimension surnaturelle, verticale, que le marxisme condamne. Tout en rendant hommage au courage de ceux de ses collègues français qui se disent à la fois catholiques et communistes, l'auteur ne pense pas que leur pensée soit cohérente. Sans être communiste, on peut être toutefois protestant libéral, ou moderniste du marxisme. L'auteur n'ignore pas que les communistes ne détestent rien à l'égal d'une telle attitude. Aussi n'attend-il point qu'ils lui sachent beaucoup de gré de l'effort de compréhension du marxisme, qu'il vient de tenter.